

## A QUESTÃO DA LIBERDADE EM NIETZSCHE

**Rudah Silva**

Faculdade de Filosofia  
Centro de Ciências Humanas  
rudahsilvasauro@hotmail.com

**Vânia Dutra de Azeredo**

Filosofia Cultura e Sociedade  
Centro de Ciências Humanas  
vd.azeredo@uol.com.br

**Resumo:** *Nietzsche entende a liberdade como a afirmação que se faz do necessário. Essa idéia vai de encontro ao conceito aristotélico de voluntarismo que compreende a liberdade como causa-de-si. A noção de causalidade herdada da tradição metafísica vem a ser resgatada pela tradição cristã, que entende a liberdade como livre-arbítrio, para assim poder tornar o homem responsável e iminentemente culpado por suas ações. Nietzsche pelo contrário, afastando-se da noção moral, leva-nos a uma compreensão artística da liberdade, que consiste em criar sempre novos valores. Com a afirmação do necessário e a adesão aos impulsos terrenos, abrimo-nos para um pathos amoroso a todas as faces da vida, belas e trágicas.*

**Palavras-chave:** Liberdade, Causalidade, Destino

**Área do Conhecimento:** Ciências Humanas – Filosofia – FAPIC

### INTRODUÇÃO

Esse trabalho trata de proceder a uma análise do tema liberdade na óptica nietzschiana. Esse conceito recebe uma nova interpretação na visão de Nietzsche na medida em que se afasta da compreensão clássica da liberdade como causa de si e da compreensão moral da tradição metafísica que entende a liberdade como livre - arbítrio. Ambas estão estritamente ligadas, pois a noção de liberdade como causa de si que surge com Aristóteles vem a ser incorporada no pensamento cristão através do pensamento de Tomas de Aquino, filósofo que na idade média retoma o pensamento aristotélico para a fundamentação racional do pensamento cristão. A liberdade é, para a tradição cristã, uma liberdade normativa que considera o homem livre para agir segundo sua vontade e, tornando-o assim responsável pelas suas ações. Para Nietzsche essa idéia de voluntariedade da vontade que surge com Aristóteles, nada mais é do que uma tentativa de imputar ao sujeito da ação uma responsabilidade por seus atos a fim de torná-lo responsável por suas ações. Para compreendermos melhor a crítica nietzschiana a voluntariedade da ação, é preciso que remontemos a Aristóteles, pois é no estagirita que encontramos a primeira ligação, aparentemente indissolúvel, entre vontade e liberdade. Para Aristóteles a liberdade é absoluta, incondicional, e, portanto não possui limitações, é livre aquilo que é causa de si mesmo. Ele afirma que voluntário é aquilo que é “princípio de si mesmo”. Mostra também como nossas virtudes e nossos vícios

dependem apenas de nós mesmos: “Nas coisas em que a ação depende de nós a não-ação também depende; e nas coisas em que podemos dizer não também podemos dizer sim. De tal forma que, se realizar uma boa ação depende de nós, também dependerá de nós não realizar má ação”[1]. Aparece em Aristóteles o princípio da ação voluntária, qual seja, aquela que depende unicamente da vontade humana, sendo assim o homem, o único responsável pelas suas ações, sejam elas boas, ou más. O homem como ser dotado de razão e, portanto de capacidade de escolha, aparece agora como possuidor de outro tipo de faculdade, qual seja, a vontade. Com ela o homem pode ser louvado ou punido por suas ações, exceto em caso de coerção ou ignorância. Para Aristóteles o homem “é o princípio e o pai de seus atos”. E mais: “só para quem tem em si mesmo seu princípio, o agir ou não agir depende de si mesmo”. É importante observar que a base para o princípio de voluntariedade em Aristóteles, esta na relação ação/vontade, o que faz com que o homem se torne causa de si. O homem só poder tornar-se responsável na pressuposição da ação livre, do contrario não haveria culpa. Deve-se a isso o fato de a responsabilidade estar estritamente ligada a liberdade. O princípio de voluntariedade aristotélico é resgatado mais a frente na história e junto a conceitos como culpa e pecado, é introduzido na doutrina moral cristã. É na idade média que Aquino, através de seus estudos das obras de Aristóteles, incorpora-o em sua filosofia tomista, a qual juntamente com a filosofia agostiniana, será usada como formulação teórica para embasamento teológico da fé até os dias de hoje. Nietzsche entende a liberdade cristã como a tentativa, bem sucedida, do asceta cristão de tornar a humanidade responsável, dependente, tornando os homens livres para poder mais tarde torná-los responsáveis por suas ações, instaurando assim, a fábrica dos culpados. Essa é a base do livre arbítrio e também de toda doutrina cristã da liberdade. Mas a que possibilidade isso nos remete? O que procede aqui é que a inocência intrínseca do vir – a – ser esta sendo violada, violando assim a própria possibilidade da liberdade.

### RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, vemos que para Nietzsche a liberdade tem estrita relação com a atividade artística/criadora de adesão ao devir e a transvaloração de todos os valores. Sob esta perspectiva, o homem só pode ser livre ao integrar-se aos impulsos terrenos. Somente na adesão ao jogo dionisíaco da vida, o homem presenciara uma existência criativa, geradora de novos valores. O sujeito livre é aquele que afirma em sua multiplicidade todas as

faces da vida, das mais belas até as mais trágicas, e é por isso que enquanto o asceta cristão se refugia no deserto e se pergunta - “porque há o sofrimento?” – o Übermensch (Além-do-homem nietzschiano) afirma: “O sofrimento apenas é”. Aqui se encontra a posição nietzschiana diante da liberdade, exprimida na fórmula do eterno retorno, fórmula daquele que diz “sim” como aceitação do regresso de todas as coisas, desmoronando toda idéia de finalidade oriunda da metafísica. Assim, Nietzsche deixa de lado a visão moral, de liberdade como livre arbítrio, e passa para uma visão artística da liberdade mostrando que é livre aquele que acata ao jogo das forças, aceitando o retorno do mesmo, ao criar novas avaliações dos fatos, novos valores, novas tábuas. Ao esclarecermos melhor a fórmula do eterno retorno veremos como a aceitação da necessidade não suprime a liberdade ou mesmo como a obediência às forças não a fere. É na aceitação do eterno retorno, na celebração da vida e de todas as coisas, que se adere ao jogo dionisíaco, e o trágico passa a ser uma chave de leitura usual para enfrentar as vicissitudes diárias que experimentamos em nossa experiência plenamente criativa, gerando sempre novos valores. Em Assim falou Zaratustra, Nietzsche vem mostrar como a liberdade se concretiza na atividade artística, na capacidade que ela tem de criar novos valores. O homem que afirma o eterno retorno se liberta de todo idealismo e alcança um estado de leveza de espírito. A liberdade é conquistada quando se entende as nuances do universo e se aprende a conviver com elas. Por isso Nietzsche faz uso da imagem da criança – as transformações do espírito que passa de camelo à leão, e de leão à criança - para elucidar como a liberdade vem se concretizar na capacidade lúdica de brincar alegremente e de gerar novos valores. Assim o indivíduo livre não julga nenhum aspecto do mundo, apenas o vive em sua totalidade. O uso de figuras alegóricas como a mordida da serpente simboliza esse estágio de leveza. A mordida é um phatos que nos impele a amar a vida. Em Ecce homo Nietzsche se apresenta como uma prova viva e concreta da possibilidade de afirmar o necessário. Em sua obra autobiográfica ele indicou o caminho necessário para a suprema liberdade: “(...) durante anos apeguei-me tenazmente a situações, paragens, moradas, companhias quase insuportáveis, uma vez que me haviam sido dispostas pelo acaso – era melhor do que mudá-las, do que senti-las como mutáveis, do que revoltar-se contra elas... Tomar-se a si mesmo como um fado, não se querer ‘diferente’ – em tais condições isso é a grande sensatez.” [5] Percebemos então, que idéia de liberdade em Nietzsche vem de encontro ao mascaramento adotado pela tradição metafísica que tenta imputar a idéia de culpabilidade não ação do sujeito, e que, utilizando-se de termos como subjetividade, vontade, culpa, pecado e causalidade, o moralista transpõe ao sujeito o sentimento de culpa, centro da vida moral, a fim de adotar uma postura controladora de costumes. Nietzsche entende a liberdade como uma afirmação dos valores e encontra na fórmula do *amor-fati* a possibilidade de superação do livre arbítrio metafísico. Liberdade é aceitar a necessidade inexorável do destino que se nos apresenta em sua forma trágica e bela, fazendo da arte um meio para a afirmação de novos

valores. O homem livre, ou melhor, o espírito que se tornou livre compreende o universo em sua volta na formulação afirmativa do amor-fati. Ainda sobre esse tema, diz Nietzsche em Crepúsculo dos Ídolos: “Cada um é necessário, é um pedaço de destino, pertence ao todo, está no todo – não há nada que possa julgar, medir, comparar, condenar nosso ser, pois isto significaria julgar, medir, comparar, condenar o todo... Mas não existe nada fora do todo! – O fato de que ninguém mais é feito responsável, (...) apenas isto é a grande libertação – somente com isso é novamente estabelecida a inocência do vir – a – ser... O conceito de ‘Deus’ foi, até agora, a maior objeção à existência... Nós negamos Deus, nós negamos a responsabilidade em Deus: apenas assim redimimos o mundo”[4]. Assim, podemos concluir quem em Nietzsche, a liberdade é um destino a ser seguido por cada organismo, por cada parte de um todo. É uma aceitação do lançar de dados do destino. Para ser livre é preciso que saibamos “o que somos” para enfim chegarmos a “ser o que somos”. O homem livre se entrega ao todo existente mostrando que o caminho para a liberdade é a afirmação do eterno retorno. A adesão ao jogo da vida é o que nos permite superar os pesos da metafísica abrindo-nos a uma existência criadora, que nos impele a amar o destino (amor-fati). Numa linguagem propriamente nietzschiana, liberdade é: a mais pura aceitação e a mais alta afirmação do necessário, figurada na imagem arquetípica do deus Dionísio.

## AGRADECIMENTOS

À Dra. Vânia Dutra de Azeredo, por instruir seu grupo de iniciação científica com muito esforço e dedicação. Agradecemos, também ao órgão FAPIC, por ceder a bolsa de estudos para a realização da pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- [1]ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*, Trad. De Mário de Gama Kury Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- [2]AZEREDO, Vânia. *Nietzsche e a dissolução da moral*. São Paulo: Discurso Editorial & Unijuí, 2000.
- [3]NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998
- [4]\_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos Ídolos*. Tradução, notas e posfácio de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- [5]\_\_\_\_\_. *Ecce Homo*, Tradução, organização e notas de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008.
- [6]\_\_\_\_\_. *Genealogia da moral*. Tradução de Paulo César Souza, São Paulo: Brasiliense, 1987.